

Annick Pegeon

Pesquisadora da Universidade de Artois – Equipe V2S – LBHE.
Responsável pelo Serviço Educativo dos *Archives nationales* da França.

Uma Experiência Pedagógica em Arquivos

A disciplina “Arquivo”
dos *Archives nationales* da França

Ao longo de décadas, o documento arquivístico fez, paulatinamente, sua entrada na escola, facilitada pela criação, na França, a partir dos anos de 1950, dos serviços educativos em arquivos, que oferecem aos professores e seus alunos oficinas e visitas pedagógicas destinadas a proporcionar a descoberta dos arquivos e dos grandes períodos históricos. Assim, depois de mais de sessenta anos, diversas experiências pedagógicas foram realizadas conjuntamente por arquivistas, historiadores e

professores. A instituição da disciplina “Arquivo”, nos *Archives nationales* da França, em 2007, constituiu um passo original. Essa medida, destinada a fazer com que os jovens estudantes do liceu¹ descobrissem os *Archives nationales*, situado no coração histórico do Marais, em Paris, tinha o duplo objetivo de familiarizar o público jovem com o trabalho do historiador e com as disciplinas auxiliares, e iniciá-lo na análise e crítica das fontes, no intuito de permitir o encontro com os profissionais de arquivos nas suas atividades

cotidianas. A experiência adquirida após vários anos letivos se insere, agora, num quadro de projetos pedagógicos inovadores² e constitui um exemplo de mediação cultural em arquivos que ultrapassa o campo disciplinar da história.

“COLOCAR OS ALUNOS EM CONTATO DIRETO COM OS DOCUMENTOS HISTÓRICOS”

Esta foi a primeira missão confiada ao Serviço Educativo dos *Archives nationales*, quando da sua criação por Charles Braibant, então diretor da instituição, por meio de um ofício circular datado de outubro de 1950. Nele, o diretor expôs os objetivos e os meios para esse tipo de serviço:

ele tem como objeto colocar os alunos de diferentes níveis de ensino em contato direto com os documentos históricos, por meio de visitas comentadas no Musée de l’Histoire de France (...): seu quadro de pessoal, sob a direção de um arquivista dos *Archives nationales*, é composto unicamente por profissionais de ensino postos à minha disposição.

Esse último procedimento foi facilitado pelo fato de a direção do Archives de France subordinar-se, então, ao Ministério da Educação. Após essa data, o funcionamento do Serviço Educativo conta com a colaboração estreita dos arquivistas, que conhecem os fundos documentais, e com as habilidades pedagógicas dos professores, que garantem a inclusão das atividades propostas pelos serviços educativos nos programas escolares, com o objetivo

de abrir amplamente os arquivos aos alunos do ensino primário e secundário.

Ao longo dos anos, a oferta se aprimorou e diversificou, em resposta aos rearranjos dos programas de ensino, adaptando-se às novas práticas pedagógicas e a um público escolar em constante evolução. Às visitas guiadas, às exposições e às salas do Musée de l’Histoire de France, em que a abordagem se aproximava à de uma aula inaugural – mesmo se o contato com a fonte documental fosse privilegiado –, sucederam, no começo dos anos de 1980, as oficinas, nas quais o aluno é colocado mais diretamente em contato com o documento original. Oficinas de caligrafia, sigilografia ou heráldica, para não citar aquelas que se encontram em todos os serviços educativos de arquivos na França, propõem, após a apresentação do local e da função dos arquivos, uma abordagem teórica da questão escolhida, depois uma reapropriação dos conhecimentos adquiridos pelos alunos na forma de um trabalho técnico ou artístico, apresentado oralmente. Os *Archives nationales* dispõe, até o momento, de mais de trinta oficinas que compreendem o conjunto dos períodos medieval, moderno e contemporâneo.³

Criada recentemente, a disciplina Arquivo emerge em continuidade a uma iniciativa de destaque por sua duração e público: o concurso Historiador do Amanhã. Existindo desde 1953 com o nome de concurso dos Historiadores Aspirantes, essa iniciativa surgiu, a princípio, como

um simples questionário que servia para o acompanhamento das salas renovadas do museu dos *Archives nationales*. A criação de sucessivos serviços educativos em arquivos departamentais conduziu à ampliação do concurso para todo o território e para outros níveis escolares (colegial e liceu desde 1958). Um tema nacional era escolhido e os alunos deveriam utilizar os documentos colocados à sua disposição, seja pelos *Archives nationales*, seja pelos arquivos departamentais. O objetivo era

suscitar uma nova forma do ensino da história mais vibrante e mais concreta (...) fazendo o aluno participar ativamente da pesquisa com documentos originais sobre um tema de seu interesse (...), ajudar os jovens a se enraizar na sua cultura regional sensibilizando-os para a riqueza do passado do local onde eles vivem (...), propiciar-lhes o gosto pela história e pela própria pesquisa e suscitar, assim, vocações de historiadores.⁴

Após uma revisão, no começo dos anos de 1980, o concurso foi definitivamente abandonado no final da década seguinte, essencialmente porque foi ficando cada vez mais difícil em razão da falta de recursos materiais e humanos suficientes para colocar à disposição dos alunos, a cada ano, uma seleção de documentos sobre um tema comum em cada serviço de arquivo. O concurso, por outro lado, privilegiava os alunos que viviam mais perto dos centros arquivísticos e motivava jovens já interessados em história.⁵ Por fim, nas

últimas edições, a maioria dos alunos só trabalhava com conjuntos de documentos preparados pelo arquivista ou pelo professor, parafraseava o documento, copiava a ementa redigida pelo arquivista, sem recorrer sistematicamente ao documento original. Pouco a pouco foi se perdendo a finalidade inicial do concurso.

A instauração de uma disciplina Arquivo, sem a pretensão de substituir o concurso Historiador do Amanhã, surge hoje como um meio de voltar a certos “fundamentos” que presidiram a criação do concurso. A disciplina Arquivo se beneficia de um dispositivo estabelecido pelo Ministério da Educação, a disciplina Patrimônio,⁶ cujo objetivo é facilitar a vinda de uma turma aos locais e sítios culturais, em torno de um projeto elaborado em conjunto com as instituições custodiadora e de ensino, e explorado a partir de uma seleção de temas existentes nos programas escolares. A escolha foi levada a uma turma de alunos do liceu,⁷ composta em sua maioria por jovens considerados “distantes da cultura”,⁸ de um estabelecimento de ensino de Seine-Saint-Denis, departamento⁹ localizado ao norte de Paris, onde um novo centro dos *Archives nationales* será inaugurado em janeiro de 2013.

Com uma a duas sessões de trabalho por mês, em média, o curso, que se estende do final de setembro ao início de maio,¹⁰ permite descobrir os lugares, as missões de conservação, de comunicação e de difusão do arquivo, iniciar-se na pesquisa ou na descrição de documentos, tudo

com o acompanhamento de profissionais, ao longo das sessões. O projeto ressalta, igualmente, a rede dos arquivos, levando os alunos a descobrir os fundos específicos das unidades departamentais e municipais.¹¹ Acrescenta-se, ainda, no âmbito do projeto, uma dezena de módulos temáticos organizados com base no território da comunidade e no estabelecimento de ensino. O projeto torna-se possível pelo trabalho conjunto de vários profissionais: pedagogos, professores cedidos para os *Archives nationales*, corpo científico da instituição (conservadores, encarregados dos estudos documentais, documentalistas), pessoal técnico (supervisores de arte, técnicos de arte, equipe de compras), responsáveis pela difusão do acervo junto ao público e equipe de atendimento. Todos souberam adaptar para esse público jovem, às vezes com grandes dificuldades na escola, um discurso frequentemente complexo que explica a missão de cada um dentro do arquivo. Um dos pontos fortes do projeto é poder reunir esse conjunto de atribuições e colocá-lo a serviço dos alunos.¹²

Assim, eles podem não apenas se beneficiar das oficinas pedagógicas relacionadas com os programas de história, de geografia e de ciências, mas, além dessas atividades, assentadas na exploração e na análise de documentos originais, ter acesso a espaços normalmente fechados ao público, cuja descoberta permite compreender a função histórica e cívica dos arquivos.

INICIAÇÃO AO PENSAMENTO HISTÓRICO E APRENDIZAGEM DA CIDADANIA

Em continuidade às missões atribuídas desde sua origem até os serviços educativos em arquivos, uma das maiores questões da disciplina Arquivos repousa em garantir

o contato com os documentos arquivísticos que propiciará (ao aluno) o sentido do funcionamento das instituições públicas e a percepção das raízes históricas que lhe permitirão se situar na história de seu ambiente geográfico e humano e adquirir seu próprio senso crítico graças à iniciação à pesquisa (Favier, 2008, p. 416).

A ideia de ensinar com documentos arquivísticos, com o “documento-fonte”, não é nova: corresponde à virada ocorrida na década de 1950 e às orientações didáticas que aconteceram naqueles anos (Chaulanges, 1961, p. 6-7). Todos sublinham o interesse da abordagem pedagógica com base na carga emocional contida no documento original, apresentado no seu lugar de conservação:

Nossos alunos reconhecem nos documentos as aulas de história tidas em sala, mas ilustradas de maneira falante (...) eles tomam contato direto, “ativo” com as peças originais que serviram para redigir ou ilustrar o livro em que estudam. Esse método inovador de ensino contribuirá para desenvolver nos alunos não apenas o conhecimento do passado, mas suas capacidades de observação, de reflexão e de curiosidade científica (Braibant, 1957, p. 11).

Contudo, a utilização do documento-fonte pelos alunos, “documento por excelência” (Granier; Picot, 2002, p. 178), não ocorreu sem suscitar certa perplexidade entre os numerosos professores e conservadores. Em primeiro lugar, coloca-se a questão de saber como conciliar a abordagem pedagógica com as exigências da conservação. De fato, a exploração do documento arquivístico coloca sempre o problema da manipulação, com vistas a que se evite a deterioração. O estado do documento e sua fragilidade condicionam as escolhas. Os manuais de arquivologia recomendam colocar os documentos em vitrines ou, seguindo o padrão, no caso de manipulação, em bolsas de Rhodoid¹³ ou de Mylar.¹⁴ Acrescentam-se outras dificuldades inerentes a certos documentos: legibilidade, idioma utilizado, vocabulário específico ou pouco claro. Certos professores não hesitam em afirmar que, nesse caso, o documento-fonte não responde aos critérios de “legibilidade e atratividade” e que “um problema pedagógico importante se coloca, já que esse tipo de documento é, com frequência, difícil de ser estudado com os alunos. Seria necessário um aprendizado que está fora dos objetivos centrais do ensino secundário” (Granier; Picot, 2002, p. 178). Assim, paradoxalmente, o documento-fonte, documento por excelência, também representativo pela crítica externa que se pode fazer de um período, seria uma abordagem por demais complexa para os alunos.

Sem negar as dificuldades relacionadas à paleografia, ao uso do francês antigo ou do latim medieval, colocar os alunos em contato com os documentos arquivísticos, ajudá-los a compreender esses documentos na sua complexidade, rompe com a abordagem normatizada e ofertada pelos livros escolares e faz com que eles tomem consciência de que a história encontrada no livro escolar é resultado de uma pesquisa conduzida a partir dos documentos-fonte. O estudo dos documentos arquivísticos implica uma iniciação aos métodos de trabalho do historiador, presente no arcabouço da disciplina Arquivo. Esse enfoque encontra seu ponto de destaque fora do âmbito do Centre d'accueil et de recherche des Archives,¹⁵ quando os alunos, nas mesmas condições dos pesquisadores, depois de terem consultado os instrumentos na sala de consultas, vão realizar uma pesquisa diretamente nos documentos.

Novamente, esse tipo de abordagem não tem unanimidade entre os professores:

Nos programas oficiais, fazia-se questão que o aluno adquirisse “o comportamento do historiador”, daí certos livros conterem módulos intitulados: “A abordagem do historiador”. Esse objetivo ambicioso e, sem dúvida um pouco inócuo, passou para segundo plano nos programas oficiais mais recentes: o ensino secundário não visa formar historiadores ou geógrafos profissionais (Granier; Picot, 2002, p. 180).

O objetivo da disciplina Arquivos não é formar historiadores, nem mesmo despertar vocações, mas simplesmente privilegiar

uma abordagem dinâmica de descoberta das fontes a fim de “continuar a propiciar às novas gerações um conhecimento da história a partir do documento e ajudá-las a adquirir o senso crítico tão necessário aos nossos tempos” (Favier, 1990, p. 260). As reticências, e até a hostilidade, manifestadas por alguns diante desse tipo de abordagem, podem ser explicadas pelo fato de que muitos deles, professores em particular, relutam em trabalhar fora do campo balizado pelo manual, com documentos suscetíveis de colocá-los em dificuldades diante dos alunos. Nesse contexto, cabe aos serviços educativos em arquivos desempenhar a função de mediadores, e aí seu papel é determinante para o acesso do público jovem ao patrimônio nacional escrito.

A realização do projeto exigiu, primeiramente, definir uma temática comum, que pudesse interessar ao conjunto dos alunos e responder à grande heterogeneidade dos níveis das turmas. As questões locais relacionadas à instalação dos *Archives nationales* na região de Seine-Saint-Denis constituem elas mesmas um primeiro enfoque. A implantação desse polo cultural e científico, tão longamente aguardado pela população e, em particular, pelos jovens, é percebida como um sinal de abertura num departamento muito marcado pela industrialização e por uma urbanização desordenada, heranças dos séculos XIX e XX, e, mais recentemente, atingida pela desindustrialização que deixou, igualmente, estigmas. Ao longo das sessões,

pareceu-nos que o fio condutor entre os jovens inscritos na disciplina Arquivo era o território em que eles vivem, porque vieram de áreas geográficas muitos díspares. A noção de território está, por sua vez, no centro de numerosos debates que ultrapassam o simples enfoque geográfico e chega à história e às ciências sociais. A definição dada pelo geógrafo Roger Brunet parece especialmente apropriada, já que cobre não apenas as dimensões jurídica, social, cultural, mas também a afetiva, encontrada na relação particular que esses jovens estabeleceram com “seu” território:

O território projeta sobre um espaço dado estruturas específicas de um grupo humano, que incluem o modo de partilhamento e de gestão desse espaço. Ele contribui, por outro lado, para aprofundar essa especificidade, para consolidar o sentimento de pertencimento, ele ajuda na cristalização das representações coletivas, dos símbolos que encarnam as mais altas esferas da sociedade (Brunet, 1992, p. 436).

Essa noção se encontra no centro de grande parte do trabalho e da reflexão apresentados aos alunos. Frequentemente arrancados de suas raízes familiares, às vezes em plena crise de identidade, eles vivem num território onde os vestígios do passado são difíceis de ser percebidos – a menos que se pesquise nos arquivos ou tenha interesse por notícias arqueológicas – em face da rápida transformação da paisagem; um território do qual, na maioria das vezes, eles não percebem mais a rique-

za cultural e histórica, e que é definido sob o termo globalizado de “subúrbio”, visto por muitos – aí entendido pelo número de seus habitantes – como um lugar de marginalização e de exclusão.¹⁶

Na fase pedagógica, o *corpus* colocado à disposição dos alunos, divididos em pares, volta-se, assim, para o tema do território onde eles vivem. Compõe-se de uma dúzia de documentos – manuscritos ou impressos, registros, circulares ou dossiês administrativos, correspondência, mapas, plantas – cujas datas vão do final do século XIII até meados dos anos de 1950, escolhidos em função da problemática que ultrapassa a história local. A distribuição desses documentos arquivísticos entre os alunos não é feita aleatoriamente: as aulas preliminares de iniciação à pesquisa histórica e à paleografia permitem, durante sua realização, identificar os alunos que têm a capacidade de motivar os demais. Os exercícios de paleografia com documentos originais, longe de afastar os alunos, contribuem, ao contrário, para mobilizá-los e, por sua vez, valorizá-los.¹⁷ Aqueles que têm facilidade logicamente se encarregam do estudo dos documentos de leitura mais complexa; transcrições e traduções são colocadas à sua disposição em caso de necessidade. Cada dupla dispõe de um dossiê destinado a fornecer os esclarecimentos sobre o documento a ser explorado (descrição do fundo arquivístico de onde provém o documento, contexto histórico, etimologia, cronologia, extratos de publicações científicas e de livros escolares de nível médio). Além

disso, o aluno é acompanhado por um membro dos *Archives nationales*, da área de conservação, de documentação ou do serviço educativo, encarregado de guiá-lo na análise do documento e de prepará-lo para a apresentação oral do trabalho, em sessão plenária.

A riqueza dos fundos arquivísticos permite, assim, apreender o território sob os ângulos históricos, administrativos e geográficos, sem perder a abordagem sociológica, confrontando documentos de natureza diversa. Essa aproximação oferece, enfim, aos alunos, futuros cidadãos, a capacidade de apreender as evoluções do território, as transformações urbanas, de apreciar as questões da gestão e do desenvolvimento dos territórios da cidade, de fazê-los passar da condição de habitante para a de cidadão.

À ABERTURA PARA NOVOS CAMPOS DE DISCIPLINAS

Os arquivos estão, por definição, na origem da história como disciplina. O campo da história e, em particular da história da escrita, foi tratado desde os primeiros anos de funcionamento do serviço educativo, mesmo que se tenha tido que esperar o fim dos anos de 1980 para que uma primeira oficina pedagógica fosse concebida com o tema “Escrever na Idade Média”. Desde essa data, os arquivos se abriram para o ensino de novas disciplinas e inúmeras atividades pedagógicas conjugam, hoje, história, geografia, letras, artes plásticas e história da arte. As oficinas destinadas

ao estudo da hidrografia e da cartografia nos tempos modernos ou à instauração do sistema métrico permitiram, igualmente, introduzir o estudo da matemática no campo das disciplinas estudadas. Mas as atividades mantiveram-se no campo das ciências experimentais. O conteúdo das oficinas de Iluminuras e Iniciais Medievais, em especial, permite assegurar um diálogo entre a história, a história das artes e a cultura científica e técnica. Para um professor de físico-química, os conhecimentos necessários para a confecção de uma iluminura podem se constituir na aplicação concreta do curso, associada a uma abertura cultural do ensino das ciências: a preparação dos pigmentos, de uma liga ou de um mordente das tintas, com as quais os alunos fazem, em seguida, uma iluminura ou redigem um ato, imitando um original do século XV, assume, para esses alunos, uma outra dimensão.

A primeira experiência desse tipo ocorreu na disciplina Arquivo, em estreita colaboração com o professor de ciências,¹⁸ e se concentrou nas tintas utilizadas nos documentos da Idade Média. Para entender por que as cores passavam do preto ao marrom alaranjado e como a composição alterava o suporte em papel, foi proposto aos alunos que fabricassem uma tinta ferrogálica, a mais comum no mundo ocidental, a partir de uma receita datada do século XIII: nozes de galha (cecidio) moídas ficavam de molho em água durante uma semana; em seguida a solução era filtrada e depois levada a ebulição; os alunos juntavam, então, um sal metálico do

tipo sulfato de ferro (formando um sulfato como estava prescrito na receita original) e depois uma substância de liga, a goma arábica. Os taninos existentes na noz de galha reagem ao sulfato de ferro e, em contato com o ar, a solução adquire a coloração de um preto intenso. A sequência termina com o uso da tinta pelos alunos na oficina de caligrafia, mostrando que, uma vez que a tinta é posta no papel, a porção orgânica dos taninos começa, lentamente, a se degradar, dando lugar aos óxidos de ferro, daí a cor marrom alaranjada da tinta dos nossos documentos originais. A experiência permite, dessa forma, trabalhar concretamente com a noção de oxidação.

Outras atividades similares foram desenvolvidas graças à colaboração dos nossos colegas das oficinas de restauração, de conservação preventiva e do serviço de selos sobre questões que estão no centro das preocupações dos arquivistas responsáveis pelos fundos. Essas atividades propiciam aos alunos exemplos concretos para a aprendizagem de algumas noções do programa de ciências. Assim, a restauração de selos foi o pretexto para outras experiências: elaboração de uma solução aquosa não ácida para a limpeza dos selos; estudo do processo de sublimação do ciclododecano,¹⁹ então utilizado para a limpeza do selo, visando à proteção da seda sobre a qual o selo é colocado. A visita à oficina de fotografia dos *Archives nationales* é também a oportunidade de refletir a respeito da ação da luz sobre o documento: que materiais compõem aqueles que são sensíveis à luz? Quais as

degradações observadas? Quais os cuidados a tomar para limitar o impacto da luz? São questões que permitem apreender o processo de oxidação e de fotólise a partir de casos concretos.

A abordagem pela investigação privilegiada aqui, que pode se aproximar da prática da pesquisa científica (questão, hipótese a verificar, experimentação, síntese e comunicação do resultado), permite uma apropriação melhor dos conhecimentos, tornando os alunos mais ativos, tanto do ponto de vista intelectual quanto da capacidade prática, mas também os leva a compreender como se dá um trabalho científico.

Novas perspectivas pedagógicas se desdortinam com a abertura dos *Archives nationales* em Pierrefitte-sur-Seine, no departamento de Seine-Saint-Denis, o que nos permitiu, ainda, ampliar o campo de investigação e apontou para outras disciplinas. Esse departamento se insere num território de passado histórico denso, com estreita ligação, primeiramente, com a monarquia francesa, desde a Alta Idade Média. A história do departamento, por sua vez, está fortemente relacionada com a proximidade de Paris, onde se reuniu, há muito tempo, um conjunto de funções políticas, econômicas e culturais da capital. Mais recentemente, Seine-Saint-Denis viu sua fisionomia mudar consideravelmente. De fato, os séculos XIX e XX testemunharam os primeiros fluxos populacionais, inicialmente de origem rural, seguidos por um contingente estrangeiro, com a intensificação da indústria. O cará-

ter rural do departamento desapareceu, decorrente, em grande medida, de um processo de urbanização veloz e descontrolado. Atualmente, o departamento de Seine-Saint-Denis, fragilizado pela crise econômica e pelo aumento do desemprego, concentra os males que afligem nossa sociedade e é muito estigmatizado pela mídia. A riqueza de sua história é pouco conhecida do grande público e de seus habitantes. Todavia, essa história deixou traços nos fundos arquivísticos e no subsolo dos bairros e das cidades: vestígios arqueológicos.

Doravante considerada uma ciência à parte no campo das ciências humanas,²⁰ e não mais uma “ciência auxiliar” da história, a arqueologia, todavia, teve retardada sua inclusão nos programas e livros didáticos. As instruções oficiais convidam, no entanto, os professores a diversificar as fontes nas suas aulas. Ora, a análise dos livros didáticos mostra que o uso de “fontes arqueológicas”, comum para compreender as civilizações que não conheciam a escrita, se apaga diante da existência das “fontes tradicionais”. Portanto, confrontar as fontes arquivísticas com as arqueológicas seria extremamente proveitoso para os alunos: à emoção suscitada pela descoberta de um documento original no seu local de conservação juntam-se o fascínio pelo ofício do arqueólogo e a excitação sentida pela descoberta de um vestígio ou de um objeto que atravessou eras. Depois de alguns anos, as experiências vêm se multiplicando para facilitar a vinda de um público jovem às escavações arqueológicas. No entanto, as

experiências que relacionam fontes escritas com os “arquivos do subsolo” ainda estão por ser desenvolvidas. Seine-Saint-Denis pode se constituir um laboratório interessante para esse tipo de experiência: as intervenções dos serviços do Institut national d’archéologie préventive (Instituto Nacional de Arqueologia Preventiva) (INRAP), do Service départemental d’archéologie e da Unité d’archéologie de la ville de Saint-Denis (Departamento de Arqueologia e da Unidade de Arqueologia da cidade de Saint-Denis) (UASD) se intensificaram, há muitos anos, quando dos trabalhos de renovação e planejamento das cidades do departamento Seine-Saint-Denis. Elas fornecem dados sobre o conjunto dos períodos históricos da Antiguidade até a época contemporânea,²¹ que podem ser confrontados com as fontes arquivísticas – no mínimo a partir da Alta Idade Média, já que os documentos mais antigos, conservados nos *Archives nationales*, remontam ao século VII – em benefício de um público jovem, para quem a relação com o território é onipresente e sensível. A descoberta de uma escavação em um bairro, a participação na escavação sob determinadas condições, o trabalho de análise do material e a revelação da conclusão, a que se junta a pesquisa em arquivos, permitem apreender a evolução de um território até suas transformações mais recentes. O processo invoca várias disciplinas de ensino, tanto literárias como científicas, e desenvolve igualmente, nos alunos, o senso crítico, o espírito de análise e a capacidade de síntese, qualidades necessárias ao cidadão do amanhã.

CONCLUSÃO

A disciplina Arquivo constitui um cenário privilegiado para as ações que necessitam de um acompanhamento específico no ambiente dos arquivos, tanto em termos do pessoal investido no projeto quanto de carga horária, no quadro das abordagens transdisciplinares, cruzando ciências humanas e ciências experimentais. Um dos sucessos da disciplina Arquivo consiste em fazer os alunos, que às vezes possuem grande dificuldade, envolverem-se com um projeto, com lugares e missões que podem parecer-lhes austeros e distantes do centro de seus interesses. Ao longo das sessões, eles se apropriam do conteúdo científico, das técnicas, de uma linguagem específica, que muda sua percepção da história e a relação pessoal que eles têm com ela.

Assim, a disciplina Arquivo continua sendo uma iniciativa piloto, ainda que se deseje reduzi-la. De fato, é difícil, até mesmo impossível, multiplicar a estrutura em um mesmo serviço de arquivo. No entanto, é possível ver outros serviços educativos se apropriarem do conceito para confiná-lo em outros formatos. Em razão da riqueza dos fundos, da oferta cultural à disposição dos formuladores de programas de ensino e da demanda dos professores, outras disciplinas de Arquivo ainda estão por inventar.

Tradução de Maria Elizabeth Brêa Monteiro.

N O T A S

1. N. do Tradutor. O sistema educativo francês diferencia o ensino primário (que compreende o maternal, para crianças de 3 a 6 anos, e a escola fundamental, para alunos de 6 a 11 anos) do ensino secundário, que começa no colégio (quatro anos) e termina no liceu (três anos) para obtenção do diploma de bacharelado. Esse diploma abre caminho para os estudos universitários. O serviço de ação educativa dos *Archives nationales* tem por vocação receber o público jovem do maternal à universidade.
2. Sobre esses projetos, ver Barret; Castagnet; Pegeon (2012).
3. A programação está disponível em: <<http://www.archivesnationales.culture.gouv.fr>>.
4. *Archives nationales*, arquivos do Serviço Educativo, dossiês do concurso Historiador do Amanhã, não listados.
5. Os dossiês do concurso Historiador do Amanhã, conservados nos arquivos do Serviço Educativo, revelam que, “dentre os candidatos, muitos vão para a École des Chartes (que forma os arquivistas) ou para o ensino da história” (*Archives nationales*, arquivos do Serviço Educativo, não listados).
6. A disciplina Patrimônio é uma das aplicações das “disciplinas culturais” instauradas pela circular interministerial n. 89-279, de 8 de setembro de 1979. Esse dispositivo foi atualizado em 2011, por meio da implantação da disciplina Projeto Artístico e Cultural, que permite, entre outras iniciativas, distribuir as sessões de trabalho de todo o ano escolar. O professor tem, assim, a possibilidade de preparar uma sessão nos arquivos e de explorar, em seguida, os conteúdos antes da sessão seguinte (circular interministerial n. 2001-104, de 14 de junho de 2001).
7. Inaugurada com os alunos do secundário, a ação continuou com os alunos da primeira e da última séries, com idades, em média, entre 15 e 18 anos.
8. A expressão é utilizada na França desde meados dos anos 1990, para designar o público que não tem o hábito de frequentar museus e instituições culturais. Ver Calmet, 1997, p. 19.
9. As principais subdivisões do território francês são, em ordem decrescente: região, departamento e, por fim, comuna.
10. Na França, o ano escolar, para todos os níveis de ensino, começa no início de setembro e termina no princípio de julho.
11. O Archives de France reúne uma rede de arquivos, composta pelos *Archives nationales*, que reúne os documentos produzidos pela administração central do Estado, e pelos arquivos departamentais, onde estão conservados os arquivos dos serviços do Estado no nível local. As cidades com mais de dois mil habitantes podem possuir seu próprio serviço de arquivo ou depositar os documentos nos arquivos departamentais.
12. Dezenas de nossos colegas dos *Archives nationales* dedicam seu tempo, de um ano para o outro, para a realização e o sucesso da disciplina Arquivo.
13. Trata-se de uma espécie de plástico encorpado, o acetato de celulose.
14. Película de segurança de alta resistência, estável e transparente.
15. O Centre d'accueil et de recherche des Archives (CARAN) é, na estrutura do Arquivo, o lugar de consulta aos acervos. Lá se encontram uma sala de inventários, uma sala de multimídia onde estão disponíveis os instrumentos de pesquisa e os documentos *on-line*, uma sala de consulta dos documentos originais e uma sala de microfimes.
16. Os trabalhos de Hervé Vieillard-Baron mostraram como o peso dessas representações negativas é sentido pelas populações e, em particular, pelos jovens (Vieillard-Baron, 2001, p. 142-146).
17. Especialmente porque a prática mostrou que nem sempre são os melhores alunos, com frequência atrapalhados com a falta de legibilidade do documento arquivístico, que se sobressaem nos exercícios de paleografia. Esse trabalho preliminar de transcrição permitiu aos alunos com mais dificuldade “entrar na ciência”.
18. O procedimento que deveria ser seguido foi definido por Pierre Labarbe, professor de físico-química.
19. A física diferencia três estados da matéria: sólido, líquido e gasoso, podendo uma matéria passar de um estado a outro. Quando a transição se faz diretamente do estado sólido para o gasoso, chama-se sublimação. O duciclododecano, que pertence aos hidrocarburetos alicíclico satura-

dos, foi introduzido nos serviços de conservação-restauração por sua capacidade de volatilizar à temperatura ambiente. Ele também é utilizado para colocar camadas de proteção. Ver Bruhin, 2010. A execução da experiência faz retornar a Agnès Prévost, chefe dos trabalhos de arte, responsável pelo ateliê de restauração de selos dos *Archives nationales*.

20. Um ponto interessante sobre essa questão é proposto por Dupuis, 2010.
21. Os avanços recentes no campo da arqueologia industrial, centrada mais precisamente no patrimônio industrial (manufaturas e fábricas, instalações de mineração e metalurgia, infraestrutura de comunicação etc.) oferecem, em particular, esclarecimentos interessantes sobre as condições de desenvolvimento industrial de Seine-Saint-Denis, que podem, facilmente, ser cruzados com várias outras fontes arquivísticas conservadas logo ali nos *Archives nationales* de Pierrefitte-sur-Seine.

Referências Bibliográficas

BARRET, C.; CASTAGNET, V.; PEGEON, A. *Le Service éducatif des Archives nationales: par chemins de traverse*. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2012.

BRAIBANT, C. *La classe d'histoire aux archives*. Paris: Direction des Archives de France, 1957.

BRUHIN, S. Le processus de sublimation du cyclododécane. *CeROArt, Conservation, exposition, restauration d'Objets d'Art*, 6/2010, revista eletrônica.

BRUNET, R. (dir.). *Les mots de la géographie: dictionnaire critique*. Paris: Reclus – La documentation française, 1992.

CALMET, M. Publics empêchés, publics éloignés, les enjeux d'un projet de service spécifique. *Bulletin des Bibliothèques de France*, n. 42, 1997.

CHAULANGES, M. *Pour une histoire vivante: essai sur le rôle et l'emploi du texte dans l'enseignement de l'Histoire*: Paris: Librairie Delagrave, 1961.

DOREL, G.; GRAS, J. Quels territoires enseigner. In: COLLOQUE APPRENDRE L'HISTOIRE ET LA GÉOGRAPHIE À L'ÉCOLE (n. p.). Atas do colóquio de 12-14 de dezembro de 2002. Paris, 2002. Disponível em: <http://eduscol.education.fr/D0126/apprendre_HG.pdf>.

DUPUIS, M. L'archéologie médiévale *dans* et *hors* l'histoire: retour sur différents usages de la documentation archéologique. *L'atelier du Centre de recherches historiques*, n. 6, 2010. Disponível em: <<http://acrh.revues.org>>.

FAVIER, J. Ecoles et archives. *Historiens et Géographes*, n. 326, p. 257-325, déc.-jan. 1990.

_____. (dir.). *La pratique archivistique française*. Paris: Direction des Archives de France – La documentation française, réed. 2008.

GRANIER, G.; PICOT, F. La place des documents dans l'enseignement de l'histoire et de la géographie. In: COLLOQUE APPRENDRE L'HISTOIRE ET LA GÉOGRAPHIE À L'ÉCOLE (n. p.). Atas do colóquio de 12-14 de dezembro de 2002. Paris, 2002. Disponível em: <http://eduscol.education.fr/D0126/apprendre_HG.pdf>.

PEGEON, A. L'agriculture au XIII^e siècle sur le terroir de Roissy-en-France: techniques et productions agricoles au XIII^e siècle sur le terroir de Roissy d'après les sources historiques. In: DUFOUR, J.-Y. (dir.). *Le château de Roissy-en-France (Val-d'Oise): origine et développement de la résidence seigneuriale d'un village du Pays de France*. (no prelo).

_____. La confrontation des sources archivistiques et archéologiques: quelle place dans les *curricula*? In: *Des "documents patrimoniaux" aux "documents culturels authentiques": définitions et usages dans l'enseignement*. Atas da jornada de estudo de 9 de março de 2012. Tarbes: IUFM-Université de Toulouse le Mirail. (no prelo).

_____. La classe *Archives* des Archives nationales: une éducation non formelle à l'Histoire. *SPIRALE revue de recherches en éducation*, n. 48, oct. 2011.

_____; DUFOUR, J.-Y. Confrontation entre sources archivistiques et données carpologiques. In: DUFOUR, J.-Y. (dir.). *Le château de Roissy-en-France (Val-d'Oise): origine et développement de la résidence seigneuriale d'un village du Pays de France*. (no prelo).

VIEILLARD-BARON, H. *Les Banlieues: des singularités françaises aux réalités mondiales*. Paris: Hachette Supérieur, 2001.

R E S U M O

O artigo descreve o processo de inserção dos acervos arquivísticos no ensino francês desde 1950, com os serviços educativos, destacando-se a criação, pelos *Archives nationales* da França, da disciplina "Arquivo", em 2007, visando aproximar os estudantes do trabalho dos arquivistas e historiadores. Outras iniciativas pedagógicas implementadas recentemente pela instituição também são analisadas.

Palavras-chave: mediação cultural; serviços educativos; arquivos; história.

A B S T R A C T

The article describes the process of introducing archivistic records in the French school with educational services, since 1950. It highlights the creation of the subject "Archive" by the *Archives nationales* (National Archives of France) in 2007, aiming to approximate the students to the archivists and historians' work. Other pedagogical endeavors recently accomplished by the institution are also analysed.

Keywords: cultural mediation; educational services; archives; history.

R E S U M É N

El artículo describe el proceso de inserción de los acervos archivísticos en el ensino francés desde 1950, con los servicios educativos, destacándose la creación, por los *Archives nationales* (Archivo Nacional de Francia), de la disciplina "Archivo" en 2007, objetivando acercar los estudiantes al trabajo de los archiveros e historiadores. Otras iniciativas pedagógicas implementadas recientemente por la institución son también analizadas.

Palabras clave: mediación cultural; servicios educativos; archivos; historia.

Recebido em 12/9/2012
Aprovado em 13/9/2012